

PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO E SUBJETIVIDADE: ESTUDO DO CASO

Sirleide Silva Oliveira⁶³
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio⁶⁴
(UESB/CNPq)

RESUMO

Considerando que a linguagem é natural do homem e os pressupostos teóricos de que é por ela que o homem se constitui como sujeito, o objetivo deste trabalho é investigar os processos alternativos de significação em um estudo de caso. Este trabalho é o resultado de um acompanhamento longitudinal de um sujeito, OS, com surdez adquirida na infância, após ser acometido por meningite, aos sete anos de idade. O referencial teórico que orienta este trabalho é a Neurolinguística Discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Subjetividade; Surdez; Neurolinguística.

INTRODUÇÃO

Objetivamos abordar neste trabalho as contribuições da linguística para desvendar uma complexa faculdade que é a linguagem. A Neurolinguística é a mais nova área dos estudos linguísticos. Essa disciplina se interessa de uma maneira geral pela cognição humana e de maneira mais específica pela linguagem e por processos a ela relacionados. A Neurolinguística ocupa um campo vasto de interesse, como o estudo de inúmeras patologias cerebrais. As pesquisas vinculam-se a cada campo conforme lhe for o objeto de estudo. Assim, a presente pesquisa circunscreve-se no campo de investigação da Neurolinguística, cujo interesse é estudar os processos alternativos de

⁶³ Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

⁶⁴ Professora Doutora em Lingüística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Orientadora do trabalho.

significação (não verbal) empregados por indivíduos com patologias de linguagem. O nosso estudo visa, por um lado, investigar os processos discursivos alternativos utilizados pelo sujeito pesquisado e, por outro, visamos observar como ele executa sua subjetividade pela linguagem. Como ele busca processos alternativos de significação. (Cf. Coudry e Possenti, 1983). Nesta pesquisa, observamos as marcas da autonomia enunciativa, que, segundo Possenti e Coudry (1983, p. e 106), “é a capacidade de fazer, eventualmente, usos diversos da língua”. Primeiramente, observamos a oralização do sujeito, depois verificamos a sua capacidade de nomeação/identificação e, por fim, observamos a sua competência comunicativa a partir de relato de acontecimentos. No caso OS, consideramos que essa conduta dos pesquisadores se mostrou adequada para observar as marcas dessa autonomia proposta por Possenti e Coudry (1983).

MATERIAL E MÉTODOS

No decorrer de seis meses, observamos participativamente e longitudinalmente OS. Os encontros semanais foram realizados alguns na residência dele e outros na residência das pesquisadoras. Os assuntos abordados no decorrer dos encontros faziam parte do interesse de OS. No decorrer de cada encontro ou, imediatamente após, registrávamos, em uma agenda, os dados. Foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido (em anexo) à família, que foi devidamente assinado pelos responsáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sujeito pesquisado teve como primeira língua o português. Segundo o pai de OS, ele teve febre (meningite) aos 7 anos de idade, e, considerando que começou a falar em uma idade normal, quando teve a lesão ele já se apropriava bem de um sistema linguístico, pensamos

aqui: (a) OS já tinha adquirido o português, e, como sequela, ele ficou acometido por um tipo de afasia, (b) que caso tivesse sido feito exames específicos para medir a acuidade auditiva (audiometria), poderia ser descoberto que ainda há uma possibilidade de audição. Neste caso, OS com o uso de um dispositivo auditivo poderia se (re)dimensionar na atividade verbal. Com a lesão, o input linguístico deixou de existir, o que, em contra partida, afetou o processo fisiológico (no sentido saussureano) na oralização. Entretanto, através da pouca oralidade e da linguagem gestual OS consegue se inserir nas conversas no âmbito familiar.

Observamos nesse acompanhamento que o sistema adquirido foi preservado, porque encontramos vestígios desse sistema, percebemos que OS faz leitura labial, reconhece por meio da oralização as palavras: *mãe*, *pai*, *Zeze* (o nome da irmã mais velha) e *tio Bento* (o nome de um dos irmãos do pai dele). Sobre a capacidade de nomeação/identificação, OS reconhece os nomes das pessoas da família e consegue identificá-los por escrito, entretanto, não conseguiu identificar os nomes de outras pessoas de seu convívio. O nosso objetivo era, além de observar o seu contato com a escrita, investigar a sua independência nessa habilidade e na leitura, saber se ele aprendeu outros nomes por iniciativa própria. Nos encontros, sempre conversávamos sobre diversos assuntos. Relatamos aqui que em um dos encontros, tentamos puxar assunto com OS a partir de um fato ocorrido com ele na fase da pesquisa, e que segundo os familiares havia deixado-o irritado. Estavam envolvidos no assunto: OS, o pai, a madrasta e outros próximos à família, e o foco principal era a viagem de moto. Arriscamos começar por um desses elementos tentando uma possível interpretação: num ambiente bem descontraído, entregamos uma chave de moto para o ele. Com apenas essa motivação, OS simbolizou toda a situação: estendeu os braços para frente e com as mãos fechadas se movimentava com o corpo, com os braços e principalmente com as mãos simbolizando que havia viajado de moto. Relatado essa primeira parte, OS começou a produzir

alguns sons: ban, ban, ban... tan, tan E ao passo que ia realizando esses sons, a respiração ia aumentando e alterando, ora respirava mais, ora respirava menos, não somente os gestos comunicavam o que houve, mas também a expressão facial denunciava a opinião dele sobre o assunto. No relato dessa parte, OS utilizou tanto a linguagem oral quanto a linguagem gestual. Consideramos que a linguagem utilizada não é só comunicação, não é só transmitir informação, quando OS usa os seus gestos (do dialeto caseiro), ou os seus gestos articulatórios, ele não o faz somente para comunicar, mas para se colocar integralmente nas situações discursivas. Embora nessa tentativa de oralização o sujeito não expressasse palavra qualquer do seu léxico, consideramos haver sinais da oralidade, visto que o sujeito realiza vários movimentos articulatórios. Aliás, segundo Novais-Pinto e Nader (2009) a linguagem oral integra o movimento de todos os órgãos do aparelho fonador. E isso foi observado na comunicação de OS.

CONCLUSÕES

Considerando as afirmações de Coudry (2008), abordando casos de afasia, de que o cérebro é o aparelho para o indivíduo aprender e considerando também que a linguagem é uma faculdade natural do homem, observamos o caso OS, em sua surdez. O surdo é capaz de aprender se tiver as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Para tanto, é preciso que suas necessidades especiais sejam supridas, porque, de acordo ainda com Coudry (2008), o aparelho de aprendizagem é o mesmo, mas o funcionamento é diferente, daí a necessidade de condições de aprendizagem adequadas. OS não apresenta incapacidade cognitiva, como foi constatado no decorrer do acompanhamento. Com o pouco de uso do sistema linguístico adquirido até os sete anos, ou pelo dialeto doméstico que desenvolveu, ele procura “dizer” o que deseja. Durante a pesquisa, ainda que o sujeito não dispusesse de um signo-lingüístico para expressar o que desejava,

transparecia que tinha algo a dizer. Havia um imenso esforço para entender e ser entendido.

O contato de OS com ouvintes, fora do ambiente doméstico, quando criança e ainda hoje é considerado pequeno. O período que teve mais contato com ouvintes foi na escola que freqüentou, logo após a meningite. Depois que deixou de frequentar a escola, diminuíram suas chances de melhor se desenvolver. Qualquer que seja a limitação, o isolamento não traz soluções. Uma alternativa que pode contribuir no desempenho do desse caso é a interação, pois como afirmam Novais-Pinto e Nader (2009) “a interação é fundamental para os processos de reorganização da linguagem e dos processos cognitivos” e afirmam também que “a interação e o dialogismo são os princípios fundamentais que orientam o trabalho de linguagem com os sujeitos, numa perspectiva discursiva”. Considerando essas afirmações, a permanência de OS na escola seria uma conduta adequada para o seu desenvolvimento na linguagem e outras habilidades. Quando o sujeito ficou surdo em decorrência da meningite, ele já falava, já se apropriava do sistema linguístico. Com a lesão, o *input* linguístico deixou de existir. Entretanto, acreditamos que com intervenções terapêuticas adequadas o que possuía poderia ser preservado envolvendo outras possibilidades, para além do dialeto doméstico, permitindo seu ir e vir e as suas inter-relações na sociedade.

REFERÊNCIAS

- COUDRY, M. I. H. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- COUDRY, M. I. H ; POSSENTI, S. **Avaliar discursos patológicos. Cadernos de Estudos Linguísticos - Caderno de Estudos Linguísticos N.º 5** . Campinas: Ed. UNICAMP. 1983.

NADER, J. M. V.; NOVAIS-PINTO, R. C. **Surdez e afasia: um estudo de caso. In: Estudos Linguísticos.** São Paulo, 38 (2): 239-248, maio-ago. 2009.

SAUSSURE, F.. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, (1916), 1995.